

# *O pintor António José da Costa (1840-1929)*

ANTÓNIO M. VILARINHO MOURATO

## **Abstract**

*António José da Costa was born in 1840 in Oporto, Portugal, where he died in 1929. He attended the Oporto Fine Arts Academy, where he took a degree in painting in 1862. Throughout his career he devoted his time to portrait and landscape painting but he achieved national recognition as a painter of flowers. He took part in countless exhibitions where his camellias were widely acclaimed. António José da Costa had also a reputation as a good and generous man.*

## **Resumo**

*António José da Costa nasceu no Porto em 1840 e faleceu na mesma cidade, 89 anos mais tarde. Frequentou a Academia Portuense de Belas-Artes, onde concluiu o curso de Pintura Histórica, em 1862. Ao longo da sua carreira, dedicou-se ao retrato e à paisagem, mas foi como pintor de flores que conquistou grande notoriedade no panorama artístico nacional. Participou em numerosas exposições, onde as suas camélias foram muito apreciadas. António José da Costa da Costa foi um homem discreto e de reconhecida bondade.*

António José da Costa nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 9 de Fevereiro de 1840<sup>1</sup>. Oriundo de uma família simples (o pai era sapateiro<sup>2</sup>), matriculou-se aos doze anos nas aulas da Associação Industrial Portuense, onde teve

---

<sup>1</sup> GREGOIRE, Manoel Francisco – Assento de registo de baptismo, Porto, 27 de Setembro de 1853, Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, Processo individual do aluno, Caixa 15.

<sup>2</sup> ANÓNIMO – *António José da Costa*, in “O Commercio do Porto”, N.º 190, Porto, 14 de Agosto de 1929, p. 4, 2.ª coluna.

como professor de desenho, António José de Sousa Azevedo<sup>3</sup>, um especialista em composição de ornatos<sup>4</sup>.

Azevedo era um homem conceituado no meio artístico português<sup>5</sup>. Premiado nas Belas-Artes<sup>6</sup> e elogiado pelo suíço Roquemont<sup>7</sup>, tinha fama de possuir tal imaginação que *não podia desenvolver qualquer assumpto, por mais simples que fosse, sem o historiar*<sup>8</sup>. Foi esta personalidade singular quem descobriu o talento de António José da Costa.

Ao aperceber-se da vocação do jovem para o desenho, convenceu o pai a matriculá-lo na Academia de Belas-Artes<sup>9</sup>.

No mês de Setembro de 1853, o pequeno foi apresentar na Academia os documentos necessários para requerer a frequência das aulas de *Dezenho Prespectiva, Annatumia e Architettura* e para assistir *como oubinte à Aula de Esculptura*<sup>10</sup>.

Azevedo não se enganou no vaticínio que fez a respeito dos dotes artísticos do jovem. Logo no primeiro ano de frequência das Belas-Artes, António José da Costa distinguiu-se na sua classe, sendo aprovado “plenamente” e “elogiado”, honra que só coube a mais dois alunos da turma: António Alves Teixeira (o lendário “Vizela”) e António Lopes Mendes Júnior<sup>11</sup>.

Três anos mais tarde, António José participava já na Exposição Trienal da Academia, onde apresentava o desenho **Gladiador combatente**, com o qual fora aprovado plenamente no 4.º ano de Desenho e uma figura de estudo de homem (pelo modelo vivo), como prova de capacidade para se matricular no primeiro ano de Pintura Histórica<sup>12</sup>.

Em 1860, um seu auto-retrato é considerado *excellente*, pelo colorido, luz e desenho<sup>13</sup>.

<sup>3</sup> ANÓNIMO – *Antonio José da Costa*, in “Arte”, N.º 76, Porto, Abril de 1911, p. 26.

<sup>4</sup> REZENDE, Francisco José – *BELLAS-ARTES, Esboço Biographico e Artístico do Snr. Antonio José de Souza Azevedo*, in “O Commercio do Porto”, Porto, 9 de Maio de 1864.

<sup>5</sup> ANÓNIMO – *Novo atelier*, in “O Nacional”, Porto, 6 de Julho de 1860, p. 3.

<sup>6</sup> *Catálogo de Pinturas, Desenhos, Esculpturas, Arquitecturas, Flores, e outros objectos d’Arte, feitas pelos Professores, e Discipulos da Academia Portuense das Bellas Artes; bem como por varias outras pessoas*, Porto, Typographia de Gandra & Filhos, 1851, p. 18.

<sup>7</sup> VITORINO, Pedro – *O Pintor Augusto Roquemont (No centenário da sua vinda para Portugal)*, Edição de Maranus, Rua dos Mártires da Liberdade, 178, Porto, 1929, p. 38.

<sup>8</sup> REZENDE, Francisco José – *BELLAS-ARTES, Esboço Biographico e Artístico do Snr. Antonio José de Souza Azevedo*, in “O Commercio do Porto”, Porto, 9 de Maio de 1864.

<sup>9</sup> ANÓNIMO – *Antonio José da Costa*, in “Arte”, N.º 76, Porto, Abril de 1911, p. 26.

<sup>10</sup> JUNIOR, Antonio José da Costa – *Requerimento*, Porto, 28 de Setembro de 1853, Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, Processo individual do aluno, Caixa 15.

<sup>11</sup> ANÓNIMO – *Academia das Bellas Artes*, in “Periodico dos Pobres no Porto”, N.º 211, Porto, 6 de Setembro de 1854, p. 925.

<sup>12</sup> *Catalogo das Obras Apresentadas na 6.ª Exposição Triennial da Academia Portuense das Bellas Artes, no anno de 1857*, p. 4.

<sup>13</sup> S. – *Folbetim, Crítica á exposição das Bellas-Artes portuense de 1860*, in “O Jornal do Porto”, N.º 290, Porto, 18 de Dezembro de 1860, p. 2, 1.ª coluna.

Conclui o curso de Pintura Histórica em 1862, apresentando como prova de exame o quadro original **Noé coberto pelos filhos Sem, e Jafeth**<sup>14</sup>.

Os progressos que fizera ao longo dos estudos são considerados prodigiosos e afirma-se que a sua pintura faz lembrar Ribera e Murillo, devido à grande *riqueza de côr*, iluminação brilhante e vigor na execução<sup>15</sup>.

O seu percurso escolar é marcado, inicialmente, pelos ensinamentos de Tadeu de Almeida Furtado, lente de Desenho<sup>16</sup>, apreciado na altura pela *intelligencia das sombras* que o seu lápis definia<sup>17</sup>.

Quando começou a frequentar a aula de Pintura, António José da Costa recebeu os ensinamentos de João Correia, homem que detinha grande prestígio na época<sup>18</sup>.

Correia fizera os seus estudos em Paris, orientado por nomes tão sonantes como Horace Vernet, Delaroche e Ingres<sup>19</sup>. Desenhava com muita correcção e modelava com vigor as formas. Os seus retratos<sup>20</sup> e pinturas religiosas empolgavam a cidade<sup>21</sup>.

Enalteciam-lhe o *estyllo largo*, o *toque franco* e a *similhança dagarreotípica* dos seus retratos<sup>22</sup>.

Seguindo o exemplo do seu mestre, António José da Costa começou a sua carreira procurando afirmar-se como retratista. Na verdade, conseguiu o seu primeiro grande êxito com um retrato do pai que expôs na trienal da Academia

<sup>14</sup> *Catalogo das obras apresentadas na 8.ª Exposição Triennial da Academia Portuense das Bellas Artes, no anno de 1863. Coordenado Pelo Substituto d'Architectura Civil da mesma Academia.* Porto, Na Typographia de C. Gandra, 1863, p. 10.

<sup>15</sup> REZENDE, F. J. – *Folbetim, Bellas-Artes. Exm.º Snr. Marquez de Sousa Holstein*, in “O Nacional”, Porto, 22 de Dezembro de 1863.

<sup>16</sup> O lente de Desenho Histórico na Academia era Francisco António da Silva Oeirense (ALMEIDAMATOS, Lúcia – *Do Desenho na Academia Portuense*, in “Desenhos do Séc. XIX”, O Museu, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, ISBN 972-98517-0-0, p. 13). Mas este indivíduo deixara o Porto em 1847 (ANÓNIMO – *Abertura e exposição d'Academia Portuense de Bellas Artes*, in “O Defensor”, N.º 237, Porto, 17 de Outubro de 1848, p. 947, 3.ª coluna), pelo que cabia ao substituto (Tadeu de Almeida Furtado) reger a dita cadeira.

<sup>17</sup> \*\*\* - *A Exposição das Bellas Artes do Porto*, de 1857, in “O Commercio do Porto”, N.º 296, Porto, 29 de Dezembro de 1857, p. 3, 1.ª coluna.

<sup>18</sup> VALENTE, Vasco – *Crónica Artística do Porto, de 1861 a 1863, Correspondência inédita de Manuel José Carneiro, anotada por Vasco Valente*, in “Museu”, Vol. IV, N.º 8, 1945, p. 184.

<sup>19</sup> MACEDO, Maria de Fátima – *João António Correia, 1822-1896*, in “Museu Nacional de Soares dos Reis, Pintura Portuguesa, 1850-1950”, Ministério da Cultura, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1.ª edição, 1996, ISBN 972-8137-42-7, p. 42.

<sup>20</sup> ANÓNIMO – *Anniversario.*, in “O Nacional”, N.º 248, Porto, 30 de Outubro de 1854, pp. 2 e 3.

<sup>21</sup> X. – *Bellas-Artes, Reflexões sobre a exposição triennial da Academia Portuense das Bellas-Artes (Continuado do n.º 298), II, Pintura*, in “O Commercio do Porto”, N.º 299, Porto, 23 de Dezembro de 1866, p. 2.

<sup>22</sup> SILVA, João Christino da – *Visita á Exposição Internacional do Porto em 1866*, Revista de Bellas Artes, Lisboa, Typographia Universal, 1866, p. 11.

de 1863<sup>23</sup> e na Exposição Internacional do Porto, efectuada no Palácio de Cristal, em 1865<sup>24</sup>.

Escreveu-se sobre esta efígie:

- *Como retrato (...) é semelbantissimo, como obra d'arte é tal que pintores portuguezes de grande nomeada se orgulhariam de a terem feito. O sr. Costa nunca sabiu do Porto e parece que tem frequentado a escola de Mr. Yvon. N'este seu quadro, a luz, meia tinta, sombra e reflexo, são habilmente graduadas, sendo as meias tintas postas por planos com tal reflexão que a veneranda cabeça de seu pai parece viver e formar vulto dentro do caixilho. Acresce a isto ser largo o estylo, verdadeira a côr, e variados os tons*<sup>25</sup>.

Também uma cabeça *a oleo, estudada pelo natural* que envia ao Salão da Sociedade Promotora de 1864, obtém honrosas apreciações. Distingue-se pelo *desenho, e estylo largo nos cabellos, barbas e roupagens, bastante sentimento na expressão do rosto, e um certo grandioso de formas*<sup>26</sup>.

O coleccionador António José da Silva adquire-lhe quatro fruteiros que exhibe na Exposição Arqueológica de 1867<sup>27</sup>. O artista apresentará no mesmo evento, duas paisagens do rio Vizela<sup>28</sup>.

Em 1879, participa na Exposição Portuguesa no Rio de Janeiro<sup>29</sup>.

Entretanto dá aulas particulares de desenho a jovens discípulos, pedindo que copiem litografias de Julien<sup>30</sup>. Os rapazes gostam tanto dele que não o conseguem ver como um professor; consideram-no antes um “camarada bondoso” e estimam-no “como a um irmão mais velho”<sup>31</sup>.

Alguns desses miúdos tornar-se-iam, mais tarde, grandes estrelas da pintura na invicta: Marques de Oliveira<sup>32</sup>, Artur Loureiro<sup>33</sup> e Henrique Pousão<sup>34</sup>, contaram-se entre eles.

<sup>23</sup> REZENDE, F. J. – *Folbetim, Bellas-Artes, Exm.º Snr. Marquez de Sousa Holstein*, in “O Nacional”, Porto, 22 de Dezembro de 1863.

<sup>24</sup> Neste importante certame, António José da Costa foi distinguido com uma Menção Honrosa (SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da – *Visitas á Exposição de 1865*, 2.ª Edição, Volume II, Lisboa, 1866, p. 298).

<sup>25</sup> REZENDE, F. J. – *Folbetim, Bellas-Artes, Exm.º Snr. Marquez de Sousa Holstein*, in “O Nacional”, Porto, 22 de Dezembro de 1863.

<sup>26</sup> REZENDE, F. J. – 4.ª, *Meu caro amigo*, in “O Commercio do Porto”, Porto, 16 de Maio de 1864.

<sup>27</sup> *Catalogo Official da Exposição de Archeologia e de Objectos Raros Naturaes Artisticos e Industriaes, realisada no Palacio de Cristal Portuense em 1867*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1867, p. 40.

<sup>28</sup> *Catalogo Official da Exposição de Archeologia e de Objectos Raros Naturaes Artisticos e Industriaes, realisada no Palacio de Cristal Portuense em 1867*, Porto, Typographia do Jornal do Porto, 1867, p. 37.

<sup>29</sup> A.B. – *Brazil, Exposição portugueza no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de Agosto, in “O Commercio do Porto”, N.º 226, 19 de Setembro de 1879, p. 1, 4.ª e 5.ª colunas.

<sup>30</sup> *Catalogo das Obras Apresentadas na 8.ª Exposição Triennial da Academia Portuense das Bellas Artes, no Anno de 1863*, coordenado pelo Substituto d'Architectura Civil da mesma Academia, Porto, 1863, p. 8.

<sup>31</sup> FIGUEIREDO, Manuel de – *Um pintor de flores, António José da Costa*, in “Colóquio, Revista de Artes e Letras”, N.º 18, Maio de 1962, p. 11.

<sup>32</sup> CORREIA, Margarida Rebelo – *Marques de Oliveira (João Marques da Silva Oliveira), 1853-1927*, in “Museu Nacional de Soares dos Reis, Pintura Portuguesa, 1850-1950”, Ministério da Cultura, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1.ª edição, 1996, p. 92.

Nos anos setenta e oitenta, António José da Costa assiste à introdução do Naturalismo no Porto<sup>35</sup>. A cidade encanta-se com *essa grande escola de paisagem, que teve em França como primeiros cultores Courbet, T. Rousseau, Millet, Corot*<sup>36</sup>.

Nos quadros de Silva Porto, aprecia a *arte suprema de traduzir os diferentes estados da natureza*<sup>37</sup> e em Marques de Oliveira o *sentimento delicado e a justeza de côr primorosa*<sup>38</sup>.

Ao contrário de certos românticos empedernidos, como Francisco José Resende que chamava aos novos pintores *furiosos trolbas* que aviltavam *a arte*<sup>39</sup>, António José não se lhes oporá, procurando antes seguir o seu exemplo nas “modernas interpretações da natureza”<sup>40</sup>. Tal como na década de sessenta convivera com os protagonistas do Romantismo, Resende, os irmãos Correia, Caetano Moreira da Costa Lima<sup>41</sup>, juntava-se agora a Marques de Oliveira, Tomás Soler e Soares dos Reis<sup>42</sup>.

Com estes fundaria a primeira revista exclusivamente dedicada às Belas-Artes que se editou em Portugal: a “Arte Portuguesa”. Para ela executaria ilustrações, acompanhando textos da responsabilidade de Joaquim de Vasconcelos e Manuel Maria Rodrigues<sup>43</sup>.

No decurso desta sua colaboração, António José da Costa copiou, em desenho, o quadro **Procissão na Aldeia**, da autoria de António Alves Teixeira, seu antigo colega de curso que se apaixonara pelas temáticas populares<sup>44</sup>. A imagem, exposta na trienal de 1863, remetia para as procissões de aldeia, executadas por Roquemont. Agradou muito pela *naturalidade* dos seus *episódios*, pela *expressão*

<sup>33</sup> VITORINO, Pedro – *Artistas Portuenses*, in “Nova Monografia do Pôrto”, Companhia Portuguesa Editôra, Pôrto, p. 182.

<sup>34</sup> Henrique Pousão frequentou o *atelier* de António José da Costa entre 1872 e 1877 (RODRIGUES, António – *Henrique Pousão*, Círculo de Leitores, 1998, ISBN 972-42-1854-6, p. 15).

<sup>35</sup> LOPES, Joaquim – *Uma Família de Pintores, António José da Costa, Júlio Costa e Margarida Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 38, Porto, 9 de Fevereiro de 1949, p. 3.

<sup>36</sup> ANÓNIMO – *Exposição de quadros dos artistas do Norte*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 66, Porto, 18 de Março de 1887, p. 2.

<sup>37</sup> ANÓNIMO – *Exposição de quadros dos artistas do Norte*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 66, Porto, 18 de Março de 1887, p. 2.

<sup>38</sup> ANÓNIMO – *A Exposição de quadros dos artistas do Norte*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 65, Porto, 17 de Março de 1887, p. 2, 1.ª coluna.

<sup>39</sup> RESENDE, Francisco José – *Folhetim, Bellas-Artes, II*, in “O Commercio Portuguez”, Porto, 21 de Julho de 1881.

<sup>40</sup> LOPES, Joaquim – *Uma Família de Pintores, António José da Costa, Júlio Costa e Margarida Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 38, Porto, 9 de Fevereiro de 1949, p. 3.

<sup>41</sup> BRANDÃO, Júlio – *O pintor Antonio José da Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 212, Porto, 8 de Setembro de 1929, p. 1.

<sup>42</sup> FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no Século XIX*, Volume II, Terceira Parte (1880-1910) e Quarta Parte (depois de 1910), 3.ª Edição, Bertrand Editora, Lisboa, 1990, ISBN 972-25-0060-0, p. 113.

<sup>43</sup> FRANÇA, José-Augusto – *A Arte em Portugal no século XIX*, Volume II, Terceira Parte (1880-1910) e Quarta Parte (depois de 1910), 3.ª Edição, Bertrand Editora, Lisboa, 1990, ISBN 972-25-0060-0, p. 34.

<sup>44</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Procissão na Aldeia – (Quadro de Vizella, desenho de Antonio José da Costa)*, in “A Arte Portuguesa”, N.º 12, Março de 1884, p. 103.

*de algumas figuras, por tal ou qual efeito de luz em outras, e pela variedade dos trajés*<sup>45</sup>.

António José da Costa utilizou, para a reproduzir, um traço seguro e vigoroso que se entrecruzava constantemente para sugerir volumes, distâncias e texturas. A velocidade do registo, produzia uma forte sensação de dinamismo e espontaneidade.

Vizela morreu cedo, em 1863<sup>46</sup> e a reprodução desta obra tinha um sabor de homenagem e recordação nostálgica que o texto anexo, acentuava: *Vizella era um artista de grande futuro. (...) Nem antes, nem depois d'elle se tem pintado melhor entre nós n'aquelle genero*<sup>47</sup>.

A ligação de António José da Costa à nova geração de pintores naturalistas estreitou-se ainda mais a partir de 1887, com a iniciativa das “Exposições d’Arte”, realizadas anualmente no Ateneu Comercial do Porto, até 1895<sup>48</sup>.

A primeira destas exposições abriu ao público no dia 17 de Março de 1887<sup>49</sup> e foi logo, muito significativamente, comparada às que o “Grupo do Leão” organizava em Lisboa desde o início da década<sup>50</sup>. A julgar pelas notícias de então, obteve esta iniciativa um êxito retumbante. Logo no primeiro dia da exposição, o público afluíu ao Ateneu “copiosamente”<sup>51</sup> e passados dois dias já se afirmava que *todo o Porto elegante e illustre*, tinha visitado a mostra<sup>52</sup>.

Quanto às aquisições das obras, sublinhou um jornal da época que o público *comprou não tanto quanto seria para desejar mas talvez mais do que era de esperar*<sup>53</sup>.

As principais figuras deste evento foram Silva Porto, Marques de Oliveira e Marques Guimarães, que venderam diversas obras<sup>54</sup>.

---

<sup>45</sup>REZENDE, F. J. – *Folhetim, Bellas-Artes, II, Exm.º Sr. Marquez de Sousa Holstein*, in “O Nacional”, Porto, 29 de Dezembro de 1863.

<sup>46</sup>FRANÇA, José-Augusto – *O Romantismo em Portugal, Estudo de factos socioculturais*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999, 3.ª edição, ISBN 972-24-1066-0, p. 352.

<sup>47</sup>RODRIGUES, Manoel M. – *Procissão na Aldeia – (Quadro de Vizella, desenho de Antonio José da Costa)*, in “A Arte Portuguesa”, N.º 12, Março de 1884, p. 103.

<sup>48</sup>António José da Costa fez parte da comissão promotora destas exposições, juntamente com Marques de Oliveira, Marques Guimarães, Júlio Costa, Xavier Pinheiro e Ramos Pinto.

<sup>49</sup>ANÓNIMO – *Bellas Artes*, in “O Dez de Março”, N.º 2201, Porto, 18 de Março de 1887, p. 2, 1.ª coluna.

<sup>50</sup>ANÓNIMO – *Bellas Artes*, in “O Dez de Março”, N.º 2201, Porto, 18 de Março de 1887, p. 2, 1.ª coluna.

<sup>51</sup>ANÓNIMO – *A Exposição de Arte no Atheneu Commercial do Porto – De relance*, in “A Actualidade”, N.º 65, Porto, 18 de Março de 1887, p. 2, 1.ª coluna.

<sup>52</sup>ANÓNIMO – *A Exposição d’Arte no Atheneu Commercial do Porto*, in “A Actualidade”, N.º 67, Porto, 20 de Março de 1887, p. 2, 1.ª coluna.

<sup>53</sup>ANÓNIMO – *A Exposição de Arte no Atheneu Commercial do Porto*, in “A Actualidade”, N.º 86, Porto, 13 de Abril de 1887, p. 2, 1.ª coluna.

<sup>54</sup>RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto*, in “Occidente”, 10º Anno, Volume X, N.º 300, 21 de Abril de 1887, p. 91, 2.ª coluna.

António José da Costa apresentou no certame três paisagens: **Debaixo da ramada (impressão)**, **Um caminho, Custóias (impressão)** e **Paisagem, Ramalde**<sup>55</sup>. A imprensa fez logo questão em demarcar os seus quadros dos restantes: *entre a brilhante phalange dos novos* aparecia aquele sobrevivente *da nossa antiga pleiade de artistas*<sup>56</sup>; *Antonio José da Costa, um dos velhos crentes (...)* pintou três quadros *sinhos e veio depol-os como offerenda respeitosa nas aras erguidas pelo entusiasmo dos novos*<sup>57</sup>.

Aliás, a iniciativa de se juntar aos “novos”<sup>58</sup>, motivava as reacções mais benignas. Ainda bem que tinha deixado *os seus retratos e as lições dos seus alumnos* para ir ao campo *surprebender a natureza*, afirmava-se<sup>59</sup>.

A sua tela **Debaixo da ramada** foi até considerada como uma das principais da exposição<sup>60</sup>.

Os enquadramentos despojados das suas paisagens, a familiaridade dos seus caminhos rústicos de subúrbio, isentos de “filosofia” e dos estados de alma românticos, apresentavam um estilo fluído e espontâneo. A persistente diluição da tinta, realçava mais os efeitos do colorido que o vigor da pincelada.

A crítica, apercebendo-se disso, não deixava de salientar que a execução dos seus quadros obedecia ainda *aos antigos processos*<sup>61</sup>, afastando-se *do empaste usado por muitos dos nossos artistas modernos*<sup>62</sup>.

Na “Exposição d’Arte” do ano seguinte, continuou a exhibir paisagens. Sobre os quadros, **Casa da eira, Negrellos** e **A renda da eira, Negrellos**, escreveu-se: *tornam-se dignos de apreço pela viveza do colorido e pela sinceridade da execução*<sup>63</sup>.

Desta vez não era o único “velho” do certame. Também lá apareceram quadros de Caetano Moreira da Costa Lima, de José Alberto Nunes e da grande Francisca de Almeida Furtado<sup>64</sup>.

<sup>55</sup> *Catalogo Illustrado da Exposição D’Arte*, Porto, Typographia Elzeviriana, 1887, p. 5.

<sup>56</sup> AMADOR, João – *Exposição D’Arte no Atheneu Commercial do Porto*, in “O Dez de Março”, N.º 2223, Porto, 16 de Abril de 1887, p. 1.

<sup>57</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto*, in “Occidente”, 10º Anno, Volume X, N.º 299, 11 de Abril de 1887, p. 86, 2.ª e 3.ª colunas.

<sup>58</sup> AMADOR, João – *Exposição D’Arte no Atheneu Commercial do Porto*, in “O Dez de Março”, N.º 2223, Porto, 16 de Abril de 1887, p. 1.

<sup>59</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto*, in “Occidente”, 10º Anno, Volume X, N.º 299, 11 de Abril de 1887, p. 86, 2.ª e 3.ª colunas.

<sup>60</sup> ANÓNIMO – *A “Exposição D’Arte” no Atheneu Commercial do Porto*, in “A Actualidade”, N.º 69, Porto, 23 de Março de 1887, p. 2, 2.ª coluna.

<sup>61</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto*, in “Occidente”, 10º Anno, Volume X, N.º 299, 11 de Abril de 1887, p. 86, 2.ª e 3.ª colunas.

<sup>62</sup> RODRIGUES, Manuel M. – *Exposição de Bellas-Artes no Atheneu Commercial*, in “Occidente”, 11.º Anno, Volume XI, N.º 340, 1 de Junho de 1888, p. 123, 1.ª coluna.

<sup>63</sup> RODRIGUES, Manuel M. – *Exposição de Bellas-Artes no Atheneu Commercial*, in “Occidente”, 11.º Anno, Volume XI, N.º 340, 1 de Junho de 1888, p. 123, 1.ª coluna.

<sup>64</sup> *Catalogo Illustrado da Exposição D’Arte*, Segundo Anno, 1888, Porto, Typographia Occidental, 1888, pp. 6, 7 e 11.

Caetano Moreira da Costa Lima fora companheiro de juventude de António José da Costa<sup>65</sup> e notabilizara-se como pintor de História<sup>66</sup>. José Alberto Nunes pertencia à geração de João Correia<sup>67</sup> (o mestre de António José nas Belas Artes) e era muito admirado como retratista<sup>68</sup>. Quanto a Francisca de Almeida Furtado, a grande miniaturista que encantou durante décadas o país com o seu talento, era pouco mais velha que Nunes<sup>69</sup>.

A presença destas figuras na exposição era sem dúvida desfasada, mas ninguém parecia importar-se com isso.

Foi cerca de 1890, que António José da Costa decidiu alterar drasticamente o rumo da sua temática. Aos retratos e à paisagem, sobrepôs as flores<sup>70</sup>.

Para explicar esta sua tardia mas inabalável opção, existem versões diferentes. Uma delas remete para uma aula de pintura, com uma jovem discípula que se esforçava por representar um arranjo de flores. António José teria pegado nos pincéis e na paleta a fim de exemplificar o processo que a pequena deveria seguir, mas após algumas demonstrações, teria sucumbido a um fascínio torrencial pelo motivo que copiava. Nesse instante, arrebatado por um impulso mágico, condenou-se a si mesmo a pintar flores para o resto da vida<sup>71</sup>.

A segunda versão apresenta-nos o artista no seu jardim, cuidando embevecido *das suas camélias, dos seus crisântemos e das suas rosas*. De repente sonha, *tal como as via, transplantal-as á tela*<sup>72</sup>: com a mesma luz transparente, a mesma textura de seda, a mesma elegância da forma, até o mesmo perfume tingido pelo orvalho da manhã.

Não sabemos qual das duas histórias é verdadeira. Talvez sejam ambas, mas o certo é que António José da Costa, por volta dos seus cinquenta anos, tocado por um génio benfazejo, descobriu mais do que uma paixão verdadeira: um amor eterno.

No seu atelier? No seu jardim? Num mundo apenas seu, povoado de mares de rosas e camélias? Não importa.

---

<sup>65</sup> BRANDÃO, Júlio – *O pintor Antonio José da Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 212, Porto, 8 de Setembro de 1929, p. 1.

<sup>66</sup> SOARES, Elisa Ribeiro – *Alcácer-Quibir, reconhecimento do cadáver de D. Sebastião (esboço)*, Entrada de Catálogo n.º 109, in “As Belas-Artes do Romantismo em Portugal”, Instituto Português de Museus, Ministério da Cultura, Outubro de 1999, ISBN 972-776-031-7, p. 332.

<sup>67</sup> MACEDO, Diogo de – *Os Românticos Portugueses*, Lisboa, Artis, 1961, p. 61.

<sup>68</sup> COUTINHO, B. Xavier – *História Documental da Ordem da Trindade, II – Alguns aspectos característicos da sua vida no século XIX*, Porto, 1972, Edição da Ordem da Trindade, p. 996.

<sup>69</sup> FRANCO, Anísio – *A Família Almeida Furtado e a miniatura como arma, Estratégias de afirmação da Burguesia do Norte de Portugal no século XIX*, in “A Arte em família, Os Almeida Furtados”, Museu de Grão Vasco, Instituto Português de Museus, 1.ª Edição, 1998, ISBN 972-776-005-8, pp. 31-39.

<sup>70</sup> ANÓNIMO – *Antonio José da Costa*, in “Arte”, N.º 76, Porto, Abril de 1911, p. 27.

<sup>71</sup> LOPES, Joaquim – *Uma Família de Pintores, António José da Costa, Júlio Costa e Margarida Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 38, Porto, 9 de Fevereiro de 1949, p. 3.

<sup>72</sup> LEMOS, Antonio de – *Antonio José da Costa*, in “Portugal Artístico”, Primeira Série, Porto, Livraria Magalhães & Moniz – Editora, 1905, p. 612.



De qualquer forma, é bem mais sedutor nada acrescentar a estes cenários e ficarmos talvez convencidos que nessa decisão não terá influído nem o êxito tremendo que os quadros de flores de Josefa Greno<sup>73</sup> e Marques Guimarães<sup>74</sup> obtinham na época, nem o entusiasmo desenfreado que a floricultura então suscitava, originando séries de exposições (muito concorridas) dedicadas a várias espécies<sup>75</sup>.

A partir dessa altura, António José da Costa encheu os seus quadros de begónias, lilases, crisântemos, rosas, peónias e sobretudo camélias. Camélias em vasos, camélias espalhadas em mesas, camélias solitárias, camélias pensativas, camélias silenciosas, camélias vaidosas, sempre camélias, em arranjos subtis de pintor e entusiasmos de jardineiro.

A seguir despejou-as nas exposições em que participava, do Porto a Lisboa, inundando com elas salões de arte e recintos de festas de flores<sup>76</sup>. Por todo o lado o perfume das suas imagens embriagou o público.

Logo em 1890, a crítica saudava o novo rumo que o artista se propunha seguir: *Antonio José da Costa dedicou-se d'esta vez ás flôres, apresentando uns dez quadros d'essa natureza e tres de paisagem. Todos os quadros de flôres, em que se representam principalmente camelias e rosas, são pintadas com um vigor e um brilhantismo de côr que encantam, tendo o artista pôsto toda a sua competencia e toda a sua observação, na copia fiel d'essas adoraveis musas dos jardins. O melhor quadro, porém, d'esse genero é o que se intitula "Gloximia"*<sup>77</sup>. *Soberbamente pintado, ha n'aquellas pequenas petalas uma suavidade de colorido e um avelludado tão sensível, que o seu aspecto illude*<sup>78</sup>.

Nos anos seguintes os elogios às flores de António José da Costa não abrandam:

*As camélias do sr. Costa (...) são pintadas com tanta perfeição, dispostas com tanta arte, combinadas as cores com tão fino gosto que (...) se podem sem favor*

<sup>73</sup> ANÓNIMO – *Josefa Greno, Josefa Garcia Sáez (1850-1902)*, Entrada de Catálogo N.º 656, in “Palácio do Correio Velho, Leilões e Antiguidades, S.A.”, N.º 170, 2007, p. 247.

<sup>74</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição de arte, instalada no Atheneu Commercial do Porto*, in “O Occidente”, 10.º Anno, Volume X, N.º 300, 21 de Abril de 1887, p. 91, 2.ª coluna.

<sup>75</sup> Sobre este assunto, veja-se, por exemplo: ANÓNIMO – *Festa das rosas*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 117, Porto, 17 de Maio de 1892, p. 1, 6.ª coluna; ANÓNIMO – *Exposição de rosas*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 103, Porto, 2 de Maio de 1893, p. 1, 7.ª coluna; ANÓNIMO – *Exposição de flores*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 115, Porto, 16 de Maio de 1893, p. 1, 4.ª coluna; ANÓNIMO – *A exposição de rosas da Companhia Horticola agricola*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 98, Porto, 26 de Abril de 1893, p. 1, 6.ª coluna.

<sup>76</sup> Os quadros de António José da Costa chegaram a servir de prémio em concursos de flores (ANÓNIMO – *Festa das rosas*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 67, Porto, 18 de Março de 1892, p. 1, 6.ª coluna).

<sup>77</sup> Na execução deste quadro, António José da Costa inspirou-se numa aguarela sobre o mesmo tema, da autoria de Francisca de Almeida Furtado que a artista apresentou no Ateneu, em 1888.

<sup>78</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição D'Arte no Porto*, in “Occidente”, 13.º Anno, Volume XIII, N.º 410, 11 de Maio de 1890, p. 110, 3.ª coluna.

*classificar* esses trabalhos de primeira ordem.<sup>79</sup>, exclamava o “Occidente” em 1892.

*Antonio José da Costa continua a encantar-nos com os seus primorosos quadros de flôres. As “Arthemisias” (n.º 26) são de uma frescura e de uma verdade de colorido surprehendentes*<sup>80</sup>, comentava-se.

Em 97 afirmava-se que as camélias de António José da Costa eram de uma frescura, de uma delicadeza de colorido e de uma disposição tão artística que deslumbravam<sup>81</sup>.

Oito anos mais tarde, António José era já considerado como *figura culminante da pintura em Portugal, um soberbo paisagista e o primeiro pintor de flores*. Entendia-se que a evolução do seu trabalho nos últimos anos o levava a possuir, além das tintas fortes e vivas... *um certo quê de orvalho* na paleta que tornava frescas as suas camélias. *Ao olhal-as não nos julgamos em frente d’um quadro, julgamo-nos n’um jardim*<sup>82</sup>.

O sucesso não alterou o seu carácter (*um cavalheiro em toda a acepção da palavra*<sup>83</sup>) nem os seus hábitos. Continuou a viver discretamente com os sobrinhos, Júlio e Margarida, também pintores, num recanto campestre da Avenida da Boavista.

Continuava a receber discípulos, ensinando-lhes particularmente desenho e pintura<sup>84</sup>. Recebia também, por vezes a visita de antigos alunos que o veneravam. Entre eles contava-se Artur Loureiro que na época da primeira grande guerra, quando no Porto faltou todo o tipo de materiais de pintura, foi ceder das suas próprias tintas, algumas cores ao antigo mestre. Gesto singelo, mas tocante, que ilustra a amizade entre estes dois homens agora já de rica idade.

O aconchego da família, que o rodeava de afectos, a paz silenciosa que encontrava sempre nas suas flores bastavam à existência de António José da Costa. Raramente era visto em público e só as inaugurações das exposições em que participava o conseguiam arrancar de casa<sup>85</sup>.

Em 1921, em cumprimento dum voto pessoal, pinta um grande painel para a Igreja de Ramalde, representando a **Adoração do Santíssimo Sacramento**.

<sup>79</sup> SINCERO, João – *A Exposição de Bellas Artes do Gremio Artistico (Continuado do n.º 480)*, in “Occidente”, Revista Illustrada de Portugal e do Extranjeiro, 15.º Anno, XV Volume, N.º 481, 1 de Maio de 1892, p. 102, 2.ª coluna.

<sup>80</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *A Exposição de Bellas-Artes no Porto*, in “Occidente”, Revista Illustrada de Portugal e do Extranjeiro, 15.º Anno, XV Volume, N.º 475, 1 de Março de 1892, p. 51.

<sup>81</sup> RODRIGUES, Manoel M. – *Exposição de Bellas-Artes no Porto*, in “Occidente”, Revista Illustrada de Portugal e do Extranjeiro, 20.º Anno, XX Volume, N.º 671, 20 de Agosto de 1897, p. 182.

<sup>82</sup> LEMOS, Antonio de – *Antonio José da Costa*, in “Portugal Artistico”, Publicação Illustrada da Livraria Magalhães & Moniz, Primeira Série, Porto, 1905, pp. 609-613.

<sup>83</sup> LEMOS, Antonio de – *Antonio José da Costa*, in “Portugal Artistico”, Publicação Illustrada da Livraria Magalhães & Moniz, Primeira Série, Porto, 1905, pp. 609-613.

<sup>84</sup> LOPES, Joaquim – *Uma Família de Pintores, António José da Costa, Júlio Costa e Margarida Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 38, Porto, 9 de Fevereiro de 1949, p. 3.

<sup>85</sup> LOPES, Joaquim – *Uma Família de Pintores, António José da Costa, Júlio Costa e Margarida Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 38, Porto, 9 de Fevereiro de 1949, p. 3.

Recorrendo a um colorido leve, apresenta na parte superior um anjo segurando a custódia e na parte inferior mais quatro anjos, segurando um deles, a cruz e o cálice<sup>86</sup>.

Em 1926, continuavam a designar como *deliciosas* as suas flores *tão sinceras na sua expressão de frescura natural*<sup>87</sup>.

Quando faziam o balanço da sua obra, afirmavam que ela enobrecia *artisticamente um país*, além de traduzir *a candura enternecida* de uma alma *lírica*<sup>88</sup>. Sobre o homem destacavam o seu *nobilíssimo character* dotado de *purêsa invulgar de sentimentos*<sup>89</sup>, alheio por completo a exibições de vaidade.

E assim se consagrava quase um século de existência *alevantada e honesta*<sup>90</sup>. António José da Costa faleceu no Porto, a 12 de Agosto de 1929<sup>91</sup>.

Um ano mais tarde, um grupo de amigos e admiradores prestou-lhe singela homenagem, organizando uma vasta exposição dos seus quadros. Na altura, já não foram apreciados, ou discutidos, mas simplesmente admirados *religiosamente*<sup>92</sup>.

---

<sup>86</sup> BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – *Alguns Retábulos e Painéis de Igrejas e Capelas do Porto*, Documentos e Memórias para a História do Porto – XXXII, Publicações da Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, p. 106.

<sup>87</sup> PIMENTEL, Alberto – *Outros Tempos, Quadro do pintor Antonio José da Costa*, in “O Tripeiro”, 3.<sup>a</sup> Série, 1926, p. 277.

<sup>88</sup> ANÓNIMO – *Arte, Homenagem postuma a Antonio José da Costa*, in “O Comercio do Porto”, N.º 57, Porto, 11 de Março de 1930, p. 3.

<sup>89</sup> ANÓNIMO – *Homenagem póstuma a um pintor ilustre*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 57, Porto, 11 de Março de 1930, p. 2.

<sup>90</sup> ANÓNIMO – *Arte, Homenagem postuma a Antonio José da Costa*, in “O Comercio do Porto”, N.º 57, Porto, 11 de Março de 1930, p. 3.

<sup>91</sup> ANÓNIMO – *António José da Costa*, in “O Comercio do Porto”, N.º 189, Porto, 13 de Agosto de 1929, p. 4.

<sup>92</sup> ANÓNIMO – *Arte, Homenagem postuma a Antonio José da Costa*, in “O Comercio do Porto”, N.º 57, Porto, 11 de Março de 1930, p. 3.



### Camélias

Óleo sobre madeira

400 x 480 mm

Assinado (canto inferior esquerdo)

Datado 1904

Colecção particular

António José da Costa morava na Rua de Belos Ares, n.º 25<sup>1</sup>, mas no imaginário da cidade, ele pairava eternamente num jardim encantado, anexo à sua residência.

Ali, *na mais íntima comunhão com as flores*<sup>2</sup>, deixava-se contaminar pela *alegria da terra*<sup>3</sup>. Colhia uma ou duas flores, sustinha-as delicadamente entre os dedos, voltava-as de todos os lados e exclamava, virando-se para quem estivesse consigo: *repare na transparência luminosa desta pétala*<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Catalogo Illustrado da Exposição D'Arte*, Porto, Typographia Elzeveriana, 1887, p. 5.

<sup>2</sup> FIGUEIREDO, José de – *António Jose da Costa*, in “Ilustração Moderna”, N.º 42, Porto, Abril de 1930, p. 74.

<sup>3</sup> BRANDÃO, Júlio – *O pintor Antonio José da Costa*, in “O Primeiro de Janeiro”, N.º 212, Porto, 8 de Setembro de 1929, p. 1.

<sup>4</sup> FIGUEIREDO, Manuel de – *Um pintor de flores, António José da Costa*, in “Colóquio”, Revista de Artes e Letras, Fundação Calouste Gulbenkian, N.º 18, Maio de 1962, p. 10.

Talvez para conservar intacta essa admirável luminosidade, era na penumbra dos interiores que mergulhava as suas camélias e as limpava do caos natural, submetendo-as a arranjos milimétricos.

Esse obsessivo empenho na composição, devolvia a cada uma a importância que ninguém seria capaz de atribuir, ou mesmo suspeitar. Agrupadas com tanta meditação, pareciam ainda mais frágeis, delicadas e indefesas e portanto mais belas. Tresandavam a silêncio, candura e nostalgia.

A quantos minutos se encontravam do fim? Breves, talvez, mas suficientes para o artista as resgatar da distração e do esquecimento.

Gozando local arejado, estas camélias afirmam-se sem atropelos e revelam-se inesperadamente elegantes e macias como veludo. Uma luz magnífica destaca o branco e o rosa das suas pétalas do fundo castanho escuro e das ramagens de mimosas que adornam a taça.

Mas é o silêncio que as envolve que lhes confere um sentido de ordem quase espiritual e as encharca de uma solenidade perdida. Dele consegue emergir vigorosamente toda a fresca e opulenta beleza das flores.

Não é o valor linear, a pureza do contorno que se impõe nesta representação de camélias, mas o de uma mancha suave e rica de empaste e velaturas. Servida por uma pincelada vaporosa, é ela quem destaca as matizes, as texturas finas como véus de seda, quem esbate contornos e modela os volumes como películas transparentes de algodão.

As pesquisas técnicas efectuadas não procuram autonomizar a prática da pintura, diluindo a importância do referente mimético e essa atitude afasta o quadro das aventuras naturalistas de finais de Oitocentos. Conserva-se sim, na sua aura nostálgica de simplicidade e pureza, bem mais ligada à sensibilidade romântica, que prevaleceu durante o período de formação e juventude do pintor.

Este quadro integrou a Exposição Póstuma da obra de António José da Costa, realizada no Salão Silva Porto, em Março de 1930<sup>5</sup>. Na altura escreveu-se que ali estavam patentes *verdadeiros milagres de pintura*<sup>6</sup>. Não seria de espantar que entre esses “milagres”, se contasse a presente tela.

---

<sup>5</sup> Inscrição no verso do quadro.

<sup>6</sup> ANÓNIMO – *Arte, Homenagem postuma a Antonio José da Costa*, in “O Comercio do Porto”, N.º 57, Porto, 11 de Março de 1930, p. 3.



### **Lavadeiras**

Óleo sobre madeira

430 x 245 mm

Assinado

Não datado

Colecção particular

“Lavadeiras” é uma paisagem dominada pelo absoluto desprezo do acabamento. Manchas espontâneas e fluídas evocam tudo, sem as tréguas de um contorno fortuito. Silva Porto pintava com pretextos semelhantes: camponesas de lenço vermelho, despidas de rosto, caminhos estreitos, escavados na paisagem, árvores vazias de opulência.

Todavia, nunca este quadro poderia ser atribuído à primeira figura do Naturalismo português.

Costa é recatado no movimento do pincel, ponderado no corpo de tinta e muito sóbrio no colorido. Não o habitam impulsos vertiginosos de estilo. Fascina-o a suavidade e o sentido de ordem é para si intuitivo.

É por isso que a atmosfera desta imagem resvala para uma indolência fria, quase inerte.

Ocres, castanhos e verdes secos conquistam uma harmonia tão espontânea que nem o lenço vermelho da camponesa consegue contrariar.

A composição organiza-se em função dessa figura minúscula, de andar vagaroso, segurando com o braço direito a bilha que o ombro cansado mal aguenta. Não se dá conta que aquele caminho, aquelas árvores, aquela vegetação, existem apenas por sua causa. Para lhe servirem de enquadramento bucólico e tingirem com uma luminosidade difusa a penumbra de uma tarde breve.

Ao contrário da sua pintura de flores – que foi sempre acolhida com grande entusiasmo – o paisagismo de António José da Costa suscitou alguma polémica. Muitos o elogiaram, mas poucos o colocaram ao lado das suas camélias; houve até quem declarasse que ele não era brilhante<sup>1</sup>.

Intrigante, na verdade, é a diferença de estilo com que o artista tratou os dois géneros, que hoje somos incapazes de explicar.

---

<sup>1</sup> FIGUEIREDO, José de – *António Jose da Costa*, in “Ilustração Moderna”, N.º 42, Porto, Abril de 1930, p. 75.

